

NO TEMPO DE MIGRAR

Jemima de Souza Alves¹

Safa A-C Jubran²

“NÃO SOU OTELO, SOU UMA FARSA”

T. Salih

RESUMO: Resultante do contato com a alteridade inglesa, o texto de Tayeb Salih, *Tempo de migrar para o norte*, publicado há mais de meio século, continua a suscitar reflexões de uma questão que causa conflitos no mundo contemporâneo, a migração dos povos. Retratando de maneira intensa a intrincada relação Colônia versus Metrópole, o autor nos apresenta uma outra versão da história que, por tanto tempo, esteve sob controle do colonizador. Considerada uma das mais importantes obras árabes do século XX, foi traduzida ao português pela primeira vez no ano de 2004 e é o único texto árabe, com exceção de *As mil e uma noites*, a ser reeditado no Brasil. Dada a importância da novela tanto para o sistema literário árabe como para os estudos pós-coloniais, no presente trabalho propomos uma abordagem do texto que não só o apresente como uma obra que denuncia a exploração colonial inglesa, mas também se posta como um contradiscurso no processo dialógico nas relações Oriente-Occidente. Por fim, analisaremos alguns excertos do texto que julgamos expressivos e que o distinguem como uma obra vanguardista.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura árabe moderna; Literatura pós-colonial; Tradução de Literatura árabe; Tayeb Salih

ABSTRACT: Resulting from the contact with the English otherness, *Season of migration to the North*, by Tayeb Salih, published more than half a century ago, continues to raise reflections on a subject that causes conflicts in the world today, the migration of peoples. Representing in an intense way the intricate relationship Colony versus Metropolis, the author shows us another version of the story that, for so long, was under control of the colonizer. Considered one of the most important Arab works of the twentieth century, it was translated into Portuguese for the first time in 2004, and it is the only Arabic text, except for the *Arabian Nights*, to be republished in Brazil. Given the importance of the novel for both the Arabic Literature and the post-colonial studies, in the present work we propose an approach that not only presents the text as a work that denounces the English colonial exploitation, but also as an counter-discourse in the dialogical process in the East-West relations. Finally, we will analyze some excerpts of the text that we consider expressives and that distinguish it as an avant-garde work.

KEYWORDS: Arabic modern literature; Post-colonial literature; Arabic translation; Tayeb Salih

¹ USP, jemimaalves@gmail.com

² USP, sjubran@usp.br

Introdução

Considerada uma das mais importantes obras árabes do século XX, *Tempo de migrar para o norte (Mawsim al-hijra ila al-shamal)*, de Tayeb Salih, narra a história de dois indivíduos que viveram por alguns anos na Inglaterra, em momentos distintos, regressando ao Sudão, poucos anos depois da independência, quando se conhecem. Nessa novela, somos guiados por um narrador anônimo que com um olhar crítico de um árabo-africano ocupa-se de discutir as relações entre Sudão e Inglaterra através da experiência da migração para a Londres cosmopolita da década de 1920 e dos efeitos do colonialismo em uma aldeia no interior do Sudão.

Nascido no mesmo ano em que o Sudão foi declarado uma colônia inglesa, em 1898, o protagonista Mustafa Said nos relata com certa frieza como se valeu de seu brilhantismo e inteligência para atingir a cultura ocidental-inglesa, através do discurso intelectual e sedutor, aplicado para obter vingança. Ao regressar à sua aldeia natal, o narrador encontra o protagonista e vê que Mustafa havia ocupado seu lugar na comunidade. Curioso em saber sobre a misteriosa razão que o levou àquela remota região do Sudão, o narrador se aproxima do personagem que confessa a história de sua vida e seus feitos atrozos.

Retratando de forma poética e visceral a relação Colônia *versus* Metrópole, Tayeb Salih faz parte de uma linhagem de escritores árabes que tratou da temática do encontro do Oriente com o Ocidente que remonta ao início do século XX. Devido ao estrondoso sucesso da obra, o texto de Salih foi traduzido para várias línguas e estudado, analisado e criticado por muitos vieses, mas principalmente pelo *Orientalismo* de Edward Said (1978), por pertencer à chamada literatura pós-colonial, isto é, a literatura produzida a partir da experiência do encontro colonizador-colonizado.

Uma vez que se trata de um marco na literatura árabe pós-colonial, a obra, traduzida para o Português no Brasil, em 2004, ficou por muito tempo esgotada até que em 2018 ganhou outra edição, tornando-se assim a única obra árabe editada uma segunda vez, com exceção de *As mil e uma noites*³. Para além da representatividade que esse trabalho possui na história da literatura árabe, a narrativa traz à discussão uma questão bastante atual e relevante para nossa época, a coexistência de culturas na identidade do sujeito. Milton Hatoum diz numa entrevista sobre a obra que a discussão proposta por Salih

está latente no nosso cotidiano, na nossa vida social e profissional. A coexistência de culturas diferentes é uma das grandes questões da era moderna. A alteridade é um tema de reflexão nos *Ensaíos* de Montaigne, que é um precursor da antropologia. Mas essa coexistência, que é desejável e deve ser buscada, é sempre difícil. O que nos é muito diferente pode

³ A reedição da novela por nós discutida foi uma sugestão do escritor, professor e tradutor Milton Hatoum, enquanto curador da segunda edição, pela Editora Planeta e o Clube de leitura TAG.

causar medo. Às vezes a repulsa e o horror a outras identidades são frutos de um extremismo ideológico, racista e xenófobo. (HATOUM, 2018, p. 9)⁴

Diante da relevância do texto de Tayeb Salih, não só para a história da literatura árabe, assim como para os estudos pós-coloniais, pretendemos neste artigo discorrer e discutir acerca de sua importância enquanto literatura pós-colonial para o sistema literário árabe, não só como uma obra que denuncia a exploração colonial inglesa, mas também como um contradiscurso no processo dialógico nas relações Oriente e Ocidente. Por fim, discutiremos a tradução de alguns excertos que julgamos expressivos na obra e que a distingue como um texto vanguardista. Muito embora o gênero pós-colonial tenha surgido na literatura árabe na primeira década do século XX, o texto do Salih, da segunda metade do século, marca o início de uma produção literária que, de certa forma, continua influenciando os escritores contemporâneos.

A literatura árabe pós-colonial como contradiscurso

Resultante do contato com a alteridade imposto pelo Imperialismo Europeu, a literatura pós-colonial nasce como uma forma de questionar e confrontar a relação colonizado-colonizador. Tendo como cerne discutir o encontro do Oriente com o Ocidente assim como as mazelas deixadas pelo colonizador e os regimes ditatoriais estabelecidos na sequência, esse gênero cristalizou-se na literatura árabe a partir dos anos 1930, muito embora já no alvorecer da *Nahda*⁵, a escritora libanesa Afifa Karam tenha representado esse encontro através de seu primeiro romance *Badia wa Fuad*⁶, em 1906.

Essa literatura de percepção e representação árabe do Ocidente apresenta-se como uma proposta reversa à apontada por Edward Said, em sua obra seminal *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*, na qual o autor discute as percepções que o Ocidente tem do Oriente, através das apropriações e criações que, sobretudo, autores europeus fizeram da cultura, da história e dos espaços do Oriente, por meio de textos literários, fossem eles nativos ou traduções.

⁴ Livreto com a entrevista que acompanha a edição (Planeta-Tag).

⁵ *Nahda* (em árabe النهضة/*al-Nahḍah*; “despertamento” ou “renascimento”) foi o processo de renascimento cultural que teve início entre o final do século XIX e o começo do século XX, no Egito e, posteriormente, alcançou os demais países arabófonos sob o domínio do Império Otomano. É considerado o período de modernização intelectual e reforma no mundo árabe. O período também é conhecido pela emergência do gênero romance no sistema literário árabe, inicialmente, pelo processo de tradução dos textos canônicos das literaturas inglesa e francesa, principalmente, com vistas a emular o gênero no contexto nativo. Deste modo, o período é bastante marcado pela resistência e também pela apreciação de sua contraparte europeia.

⁶ *Badia wa Fuad* é uma narrativa cujos eventos ocorrem no Líbano e nos Estados Unidos. Inicia-se no verão, em um vilarejo libanês, de onde a vida e o status das mulheres na comunidade são descritos pela escritora como uma crítica negativa à sociedade libanesa. A autora lida com as questões de classe social, mas entre os principais tópicos da obra está a questão da identidade nacional, que, segundo Karam, não deveria ser isolada das influências novas ou externas, tampouco se deixar dissolver ou ser suplantada por elas. Muito embora não seja mencionado em diversos manuais de literatura árabe moderna, de acordo com Shaaban (2009, p. 28), este seria o primeiro romance árabe a lidar com as questões das relações Oriente-Ocidente.

Neste sentido, o Orientalismo pode ser considerado “um modo de escrita, visão e estudos regularizados (ou orientalizados), dominados por imperativos, perspectivas e vieses ideológicos ostensivamente adequados para o Oriente” (SAID, 2006, pp. 275-276). Desde que passou a integrar o imaginário cultural ocidental, a palavra Oriente, segundo o autor, passou a ser associada a conotações e imagens que não se referiam ao Oriente real, mas às ideias que envolviam a palavra.

O Orientalismo como é apresentado por Said consiste em um consenso de ideias fundamentadas por determinadas afirmações, que compõem certas obras, consideradas coerentes ao orientalista que constrói seu trabalho e pesquisa a partir delas e, posteriormente, é reproduzido por novos autores, legitimando assim um discurso pela mera reprodução sem qualquer constatação de fatos. Para o orientalista, parece não haver qualquer contraste no que se refere às culturas dos territórios a Leste do mundo. As referências e descrições geralmente são relativas a um grupo homogêneo sem qualquer elemento que diferisse esses povos uns dos outros.

Uma vez que o Orientalismo apresenta uma estrutura conceitual com vistas a justificar uma apropriação do Oriente através do colonialismo, as representações do Ocidente, postas nos romances denominados pós-coloniais, surgem como um contradiscurso ao discurso ocidental já consolidado, com a finalidade de propor uma narrativa diferente, ou seja, outra versão da história. Se nos textos orientalistas nos deparamos com a difamação, subjugação e exotização do outro, as imagens do Ocidente representadas nos romances pós-coloniais nos remetem a um processo de idealização e tentativa de se tornar o outro por meio da assimilação cultural, ao mesmo tempo em que se odeia e rejeita o controle dele sobre si. Na novela de Salih, observaremos que enquanto o narrador é um exemplo do indivíduo propenso à atração à cultura ocidental, Mustafa demonstra repulsa.

Este duplo atributo da modernidade foi sentido e refletido desde o princípio nas escritas dos intelectuais árabes que responderam à experiência [colonialismo] através de sua escrita. Essas representações do Ocidente evidenciam esse senso de dicotomia, de ambivalência, de atração e repulsa simultâneas pelo seu objeto, e pela modernidade, na medida que ela é per si uma ideia ocidental. (EL-ENANY, 2006, p.185)⁷

No entanto, se os colonizadores viam o Oriente como Edward Said definiu tão bem em sua obra seminal, como os orientais viam o Ocidente? Havia uma percepção objetiva e honesta de sua contraparte ocidental? Ou as impressões que tinham sobre o outro eram matizadas por vieses cultural, histórico e ideológico? São essas e outras questões que o texto de Salih, enquanto literatura pós-colonial, busca elucidar.

⁷ *This dual attribute of modernity was felt by and reflected from the outset in the writings of Arab intellectuals who responded to the experience in their writings. Their representations of the West evince a sense of dichotomy, of ambivalence, of simultaneous attraction and repulsion towards their object, and towards modernity in so much as it is a Western thing.* Tradução nossa.

As narrativas pós-coloniais surgem com o foco nesse despertar da consciência que prima pela retratação da experiência a partir de uma reflexão que suscita o debate (AL-MUSAWI, 2003, pp. 23-24). Tal perspectiva tem como objeto principal questões de analogia e representação na narrativa, sem minimizar seu significado, pois o próprio gênero romance, sendo o gênero literário importado do colonizador, frequentemente escrito na sua língua, já é assaz expressivo enquanto suporte para tratar essa temática.

A despeito de seu escopo, Al-Musawi (2003, p. 24) acredita que há, ao menos, dois pontos importantes a serem elucidados acerca das narrativas árabes desse período: “a falta de base socioeconômica em muitos dos romances de reflexão social até meados de 1960; e a tendência a analogias a fim de tocar questões de complexidade política como a nacionalidade palestina, território e identidade”⁸.

Além disso, o crítico pontua que, até o final dos anos 1940, as narrativas que lidavam com as demandas sociais tinham como característica um desapego por parte dos intelectuais afiliados às classes média e alta ao tratarem questões de cunho econômico, muito embora fosse perceptível certa solidariedade pela classe trabalhadora.

É somente quando o autor questiona o *status quo*, enfraquecendo suas possessões na sociedade, família e Estado, que as coisas tomam uma direção diferente, geralmente perseguidas através de um maior dialogismo e da incorporação de muitas vozes. (AL-MUSAWI, 2003, p. 24)⁹

Com a derrota palestina durante a guerra árabo-israelense de 1948¹⁰ e os massacres executados sobre esse povo, uma onda de desapontamento e pesar se abateu sobre os povos árabes levando os escritores a se debruçarem sobre essa questão e universalizarem-na no texto literário; posteriormente a isso, o despotismo dos regimes árabes passou também a ser um tópico do gênero.

Em outras palavras, a tragédia tornou-se incentivo aos escritores que, nesse estágio pioneiro, recorreram a métodos e técnicas que suportam a complexa realidade, no entanto, a urgência e o imediatismo, por vezes, dificultaram o processo de assimilação das técnicas de poética, retórica, e dos grandes e míticos arquetipos universais e de suas analogias¹¹. Contudo, com o exercício e o tempo, a florescente consciência impulsionou a criatividade a ir além de respostas intelectualizadas e meros registros ou documentação manifesta

⁸ *the lack of socio-economic grounding in many novels of societal considerations until sometime in the 1960s; and the tendency to analogize in order to come to grip with issues of political complexity like the Palestinian nationhood, land and identity.* Tradução nossa.

⁹ *It is only when the author questions the status quo, undermining its holdings in society, family and state, that things take a different direction, usually pursued through greater dialogization and absorption of many voices.* Tradução nossa.

¹⁰ A guerra árabe-israelense de 1948, também conhecida pelos israelenses como Guerra da Independência e considerada pelos árabes como parte de *al-Nakba* (النكبة), ou seja, “a Catástrofe”, começou em maio de 1948, com a declaração de independência do Estado de Israel.

¹¹ Tal dificuldade advém do processo de importação de textos do cânone europeu, sua rápida tradução ao árabe com o objetivo de constituir um conjunto de obras traduzidas que emulassem o gênero romance no corpo da literatura nativa.

produzidos anteriormente. Essa consciência norteou sua atenção em direção aos desejos e práticas humanos que poderiam ter sido ignorados por narrativas que se dispusessem a tratar de grandes visões ideológicas e culturais (AL-MUSAWI, 2003, p. 26).

Não obstante o amadurecimento da percepção dos intelectuais, essas novas preocupações não se alhearam do tema do encontro com os invasores colonialistas, mas foram colocadas como uma resposta a este desafio. O colonialismo afetou os povos árabes de tal forma que, enquanto poderes europeus buscavam moldar essas sociedades em imagens que eles desejavam, com o propósito de servir a seus interesses estratégicos, econômicos e políticos, os escritores árabes passaram a refletir sobre as questões de identidade nos textos a fim de objetar e contrapor as imagens já estabelecidas no imaginário europeu.

A natureza da mudança das tradicionais comunidades árabes, enormemente influenciadas pelo desenvolvimento social e econômico do mundo globalizado, o interesse ocidental pelo petróleo e o maior contato com a cultura ocidental através da educação básica e de instituições de ensino superior europeias fizeram com que os árabes passassem a indagar-se a respeito de suas identidades e as consequências que essa modernização traria de fato para a sociedade como refletido no romance por nós aqui discutido (AL-MAHROOQI, R.; DENMAN, C., 2016, p. 13).

Devido a esse contexto, o papel das traduções na história das relações arabo-euroamericanas é ainda muito estudado pelos intelectuais árabes. Pois, desde a consolidação do gênero romance no sistema literário de língua árabe - gênero este importado do colonizador e utilizado pelo colonizado como um contradiscurso aos esforços de domínio - houve grande interesse da Europa em traduzir e receber essas obras em seu sistema literário.

Tempo de migrar para o norte

O enredo desta novela se dá em 1960, exatamente quatro anos após o Sudão se tornar independente depois de quase 60 anos sob domínio inglês. É contada por um narrador sem nome que volta à sua aldeia no Sudão após passar sete anos na Inglaterra estudando, munido da convicção de que a educação recebida na Europa o ajudaria a melhorar a situação de sua gente na terra natal. A novela se inicia com a chegada do narrador à sua casa e seu encontro com Mustafa Said, um membro novo naquela aldeia que permanece reservado e misterioso, até que numa noite, inebriado pelo efeito do álcool, começa a recitar poemas em inglês, provocando a curiosidade do narrador que decide conhecê-lo de perto.

A história de Mustafa torna-se central para a narrativa. Como o narrador, ele estudou na Inglaterra, onde se tornou um intelectual respeitável. Apesar de seu sucesso, teve uma vida conturbada devido a seus fracassados relacionamentos amorosos com quatro mulheres inglesas, das quais três tiram a própria vida por influência de Mustafa que por sua vez assassina a quarta mulher.

Mustafa, enquanto fruto da cultura e formação ocidental, reflete o legado do colonialismo. Em território inglês, ao seduzir as mulheres ocidentais, o personagem ocupa uma posição de domínio com intenções de subjugar o “Ocidente”. Como parte de seu plano de vingança, ele se coloca no lugar de caçador e persegue instintivamente suas presas para esgotá-las, não apenas sexual, mas existencialmente, levando-as ao suicídio (JUBRAN, 2018, p.168). No entanto, suas conquistas são interrompidas quando Jean Morris, a quem o personagem compara a uma Cherafade mendiga, torna-se um de seus alvos: “Ela mentia a respeito das coisas banais. Voltava para casa com histórias inverossímeis e bizarras que dizia terem ocorrido” (SALIH, 2018, p. 152).

No momento que se rende ao casamento com a jovem inglesa, tem seu plano arruinado. Sentindo-se derrotado, quando a jovem se nega entregar-se a ele, Mustafa chega à conclusão de que a única maneira de exercer controle sobre Morris seria matando-a. Com o assassinato de sua esposa, o personagem encerra seu ciclo de vitórias. Passando de caçador à caça, opera-se na narrativa uma virada que conduz à queda desse herói trágico que vê sua carreira destruída, enquanto respeitado economista e orientalista na sociedade inglesa, como observa Jubran (2018, p. 198). Interessantemente, Mustafa Said, que demonstra um conhecimento profundo sobre a literatura árabe, atribui a máscara de uma das figuras orientais mais conhecidas e mais distorcidas no Ocidente à sua presa inglesa. Através de seu discurso e comportamento, Morris, assim como Cherafade, muda os rumos da história passando de vítima a algoz.

Depois de cumprir sua pena no território do colonizador, o derrotado herói se vê obrigado a retornar a sua terra natal, onde disponibilizaria suas habilidades e conhecimento de modo a contribuir com desenvolvimento social. Após seu contato com a alteridade inglesa e suas experiências na Inglaterra, Mustafa Said descobre que para pôr fim ao regime colonial não é suficiente expulsar o colonizador ou matá-lo, mas é necessário confrontar os valores coloniais e sua existência moral. Dessa consciência decorre sua decisão de voltar ao Sudão e tentar remover os vestígios dos valores e cultura do colonizador da comunidade sudanesa aplicando o havia aprendido em Londres. O personagem explicita sua mudança de consciência ao ironizar o fato de que o narrador havia estudado poesia durante o tempo em que havia migrado para o Reino Unido: “Aqui, nós não precisamos de poesia, se tivesse estudado agronomia, engenharia ou medicina, teria sido melhor” (SALIH, 2018, p. 14). Do Ocidente, Mustafa só se serviria dos conhecimentos técnicos que seriam produtivos para o desenvolvimento da comunidade local (JUBRAN, 2018, p. 169).

Todavia, num dado momento da história, não querendo mais seguir com o que ele considerava uma farsa, desaparece deixando o narrador como guardião de seus filhos com Hosna. Desamparada, essa mulher se vê obrigada, pela tradição local, a casar-se novamente e pede ajuda ao narrador que não consegue impedir seu casamento com um homem idoso. Hosna, então, toma as rédeas de seu destino, matando seu novo marido na noite de núpcias antes que o casamento se consumasse, para em seguida tirar a própria vida. No final, o narrador, não podendo lidar com o impacto dos eventos da vida de Mustafa em sua própria vida e na da aldeia, decide se afogar no Nilo. Perto da morte, convence-se

de que o melhor é superar o legado do passado de Mustafa, e assim, ele grita por ajuda, no entanto não se sabe se alguém o ouve.

Jubran (2018, p. 169) comenta que é possível que Salih ao idealizar Mustafa Said enquanto protagonista deste enredo tenha pensado em uma metáfora do Sudão ou de sua geração, que passou pelo regime colonialista, ou ainda a geração de indivíduos instruídos pelo sistema de educação colonial, mas que não se deixaram assimilar completamente pelo sistema. Embora vivessem segundo o sistema de pensamento europeu, não foram reconhecidos, tampouco aceitos pela simples razão da coloração de sua pele: “se a filha de um deles tivesse anunciado que iria se casar com esse homem africano, certamente teriam sentido o chão fugir sob seus pés”. (SALIH, 2018, p. 88)

O autor ainda se dedica a expor o racismo, ora explícito, ora mascarado, e como o ideal civilizatório, constituído de valores etnográficos, econômicos, religiosos, jurídicos e políticos, dissimula cordialidade e tolerância, mas opera por exclusões, concessões e justificativas: “Senhores membros do júri, Mustafa Said é um homem nobre, cuja mente foi capaz de assimilar a civilização ocidental, mas essa mesma lhe destroçou o coração”. (SALIH, 2018, pp. 34-35)

Essa crítica fica evidente ao leitor que se depara com textos colonialistas que buscam expor as atrocidades desse regime, mas não conseguem dissociar de seu discurso a ideia ocidental de que o colonizador é um mal necessário ao colonizado, tampouco dar voz àquele que se encontra de diversas maneiras subjugado. Hatoum (2018, p. 12), ao fazer a leitura da novela de Salih, menciona *O coração das trevas* (1902), de Joseph Conrad, que de algum modo serviu de espelho para o texto de *Tempo de Migrar para o norte*. Muito embora neste último encontremos, nas palavras do autor, “uma imagem invertida, como se fosse uma crítica à visão redutora e cristalizada dos africanos”.

A narrativa colonial de Conrad traz uma versão unilateral da história. Com uma visão eurocêntrica e totalizadora temos a exposição e crítica do que foi o colonialismo Belga no Congo e todas as atrocidades cometidas por colonialistas em nome do imperialismo que se dizia benéficas à zona selvagem e desabitada em nome da civilização. Tal civilização, diante da possibilidade de exploração de riquezas, nas palavras do narrador, fez dos “negócios do império, o império dos negócios”. Muito embora o narrador de Conrad se mostre aterrorizado com os atos praticados pelos homens brancos e civilizados contra os “negros seres caminhantes”, na terra das trevas selvas, e até descorde das calúnias levantadas contra eles, não há um movimento sequer desse sujeito contra todas essas práticas:

aqueles homens, por mais esforço de imaginação que se fizesse, não podiam ser chamados de inimigos. Chamavam-nos criminosos, e a lei ofendida, como as granadas que explodiam, abatera-se sobre eles como um mistério insolúvel, que vinha do mar. (CONRAD, 2017, p. 31)

Mesmo indagando-se sobre a situação da população nativa, o narrador em nenhum momento lhes dá voz. Dos negros nativos nesse romance o que mais se ouve são seus

gritos, que o narrador nunca sabe discernir se são de terror, dor ou ataque, e suas imagens são sempre sombras, sombras que surgem e somem na escura e densa selva.

Conrad e seus personagens Marlow e Kurtz estão à frente de seu tempo na medida em que entendem que há algo de errado com a empresa europeia nesses territórios distantes. Mas são também fruto de sua própria época uma vez que não conseguem dar o passo seguinte, que seria

reconhecer que o que viam, de modo depreciativo e desqualificador, como “treva” não europeia era de fato um mundo não europeu resistindo ao imperialismo, para algum dia reconquistar a soberania e a independência, e não, como diz Conrad de maneira reducionista, para restaurar as trevas. (SAID, 2011, p.52-53)

Não obstante criticasse o imperialismo que escravizava esses povos, Conrad em momento algum assume, por meio de seu narrador, a necessidade de uma intervenção às atrocidades que descreve com tanta riqueza de detalhes. Não há a menor ideia de que esses nativos tinham o direito de ser livres e exercer governo sobre si mesmos.

Como mostra do espelhamento de uma narrativa à outra, em Salih, o rio descrito como fonte das trevas apresentado por Conrad passa a ser o Nilo, e o estilo da narrativa britânica em primeira pessoa e os protagonistas europeus cedem lugar, primeiramente, à língua árabe e a personagens sudaneses. Acrescente-se o fato de que no texto árabe é um sudanês que deixa a África para ir à Europa. “Uma viagem ao coração das trevas é assim convertida em uma hégira sacralizada desde a zona rural sudanesa, ainda presa ao legado colonial, até o coração da Europa” (SAID, 2011, p. 253), em que Mustafa Said é a imagem especular de Kurtz, que se aventura através do rio, no coração do Congo, simbolizando a Europa com toda a sua superioridade civilizatória em relação aos nativos. O espelhamento realizado em *Tempo de Migrar para o norte* é tão deliberado que, assim como também observado por Edward Said (2011, p. 253), a cerca de crânios presente nas proximidades da casa de Kurtz é reproduzida de maneira distorcida na pilha de livros do quarto secreto de Mustafa Said.

Outro romance que alude claramente à novela de Salih é o *Tempo de migrar para a liberdade*, da cineasta e escritora libanesa, Laura Macdissi. Publicada em 2012, a narrativa nos apresenta a trágica história da guerra civil no Líbano, a imigração para o Norte e o retorno inesperado à capital Beirute, anos depois. Abordando o tema da imigração e refúgio, Laura Macdissi nos coloca diante de sujeitos que percebem que a liberdade pela qual lutam é mais assustadora do que as guerras e a escuridão deixadas para trás.

Em busca de liberdade Lilly-Ann decide deixar Beirute e ir para longe do “cheiro da guerra e da pólvora”, após perder seu irmão na guerra civil, nos anos 1980, e sofrer uma tentativa de sequestro e estupro. No exílio, ela se encontra com muitos outros refugiados que sofrem de negligência, humilhação e desprezo tornando o desterro ainda mais difícil.

Muitos personagens parecem acompanhar a protagonista em sua jornada na busca da liberdade: Ihsan, que lhe deu a oportunidade de se libertar das guerras forçadas; Nadim, o eterno viciado no amor por Beirute e que insiste em não abandoná-la; o contrabandista

palestino, em Varsóvia; Karlo, o italiano; Mustafa, o curdo que morre de saudades de uma pátria que nem existe; além do iraquiano, Ali, e do esquisito Henrique.

O início da história marca o final, ou quase desfecho, da história da Lilly-Ann, que exercendo a profissão de jornalista, em Estocolmo onde vivia há 22 anos, recebe um telefonema de sua mãe pedindo-lhe que fosse urgentemente a Beirute. Mas por quê? Logo, ela se pergunta: por que deveria voltar a um país para o qual jurou nunca mais regressar? E por que não querer regressar? Talvez, porque “haja no retorno humilhação e sombra de fracasso”. (JUBRAN, 2017, p. 81)

O romance termina com o regresso da protagonista a Estocolmo que, agora, representa seu lar e sua percepção da cidade natal:

Do alto, Beirute parecia uma ilha isolada, abandonada. De repente, rios de ternura jorraram dentro de Lilly. “Como podia amar esta cidade e odiá-la ao mesmo tempo? Abandoná-la para respirar a liberdade e depois sentir-se culpada por fazê-lo?”

Fechou os olhos para escutar atentamente a voz que sussurrava dentro de sua cabeça.

“Bem-vinda à liberdade”. (JUBRAN, 2017, p. 87)

A narrativa de Macdessi, ainda que trate de um período bem posterior ao pós-colonial de Salih, coloca-nos diante de realidades trágicas semelhantes que assumem formas e rostos diferentes. Retrata de maneira pungente os efeitos dos conflitos que se desdobram e se intensificam no Oriente Médio, desde as últimas décadas do século passado, e como afetam as pessoas que vivem com o sentimento de frustração e de fracasso. Assim, enquanto no *Tempo* de Salih, temos a identidade como objeto da busca e a importância de pertencer como elemento chave para a formação dos países recém-libertados do período, o *Tempo* de Macdissi é a busca da libertação das ilusões de identidade e pertença.

O salto no texto de Salih e de seus pares, ao lidar com as ocupações europeias em territórios considerados bárbaros e, por isso, passíveis de domínio, reside no fato de que esses autores não apenas expõem o imperialismo europeu documentando todo terror exercido sobre indivíduos que foram totalmente desumanizados, sob argumentos fundamentados na exploração predatória. No enredo proposto pelo autor sudanês, para o grito registrado e silenciado por Conrad em sua majestosa prosa, há um sujeito que enuncia seu discurso para o colonizador, seja no registro da obra em língua árabe, seja no domínio que Mustafa Said exibe da língua e cultura inglesa. Se no romance inglês o conhecimento sobre o outro é quase nulo, na narrativa de Salih temos um africano que assimilou e dominou a cultura ocidental de maneira magistral.

Traduzindo o tempo de migrar

Ao analisarmos a obra de Tayeb Salih, é possível perceber nitidamente como os eventos político-históricos que alinhavam as relações arabo-europeias se refletem na literatura e como os textos produzidos pelos escritores árabes a partir da *Nahda* se mostraram relevantes para a compreensão de matérias de cunho cultural, social e político durante o processo de modernização no mundo árabe. A partir disso, muitos teóricos têm estudado a representação da identidade e cultura árabe através do exame da literatura árabe antiga e contemporânea e de sua tradução para as línguas europeias de prestígio. Uma vez que os textos pós-coloniais são uma resposta ao processo de exploração e ocupação europeia tanto no domínio geográfico como intelectual, as traduções desses textos representariam uma tréplica no processo dialógico das relações Oriente-Occidente.

Para além da relevância que o próprio tema guarda em si mesmo, é de grande importância refletir sobre as leituras europeias dos textos árabes quando traduzimos essa literatura ao português brasileiro. Muito embora a língua portuguesa não ocupe um lugar de prestígio dentre as línguas europeias, as leituras realizadas sobre a cultura e literatura árabe predominantes no Brasil são, em certa medida, enviesadas segundo o discurso europeu e norte-americano a respeito desses povos. Assim como as obras traduzidas do árabe ao português são comumente títulos que fizeram sucesso em países como Inglaterra, França e Estados Unidos, de modo que o conjunto de obras árabes existente no sistema literário brasileiro seria definido segundo o gosto de um público estrangeiro.

A tradução, ou a transferência de textos literários entre culturas, tem se revelado uma atividade que abarca não só matérias da ordem das relações política, histórico ou cultural, mas também questões de identificação cultural e autorrepresentação. De sorte que as traduções literárias estariam estreitamente ligadas às relações de poder criando e reiterando divisões entre sociedades dominadas e hegemônicas. Nesse sentido, é possível dizer que as traduções de literatura árabe para os idiomas europeus consideradas de prestígio poderiam ter realmente “impedido a emergência de um discurso autêntico sobre a identidade árabe, já que o problema da identidade era completamente visto através do prisma das concepções europeias”¹² (VAN LEEUWEN, 2004 *apud* AL-MAHROOQI & DENMAN, 2016, p. 14).

No que concerne à tradução literária, é possível assumir que os projetos europeus de tradução seriam apenas ampliação do empreendimento europeu de se impor enquanto poder hegemônico, do esquema imperialista de dominação cultural e promoção da representação orientalista dos árabes. A partir disso poder-se-ia dizer que tradutores europeus seriam inclinados, ou incentivados, a selecionar títulos que apelariam a um viés mais generalizante e negligenciar a representação que seja mais leal ao “ser árabe” (VAN LEEUWEN, 2004 *apud* AL-MAHROOQI & DENMAN, 2016, p.14).

¹² prevented the emergence of an authentic discourse on Arab identity, since the problem of identity was wholly seen through the prism of European conceptions.

O tradutor enquanto sujeito que domina não só os idiomas de partida e de chegada, como também possuidor de uma visão mais ampla e aprofundada das culturas em questão – assim como sistemas morais e ideológicos, história, estruturas sócio-políticas etc. -, torna-se um mediador que tem como um de seus principais objetivos superar as incompatibilidades que se postam no processo de transferência do significado. Pois aquilo que representa um símbolo de valor em uma comunidade pode ser completamente desprovido de valor em outra, e é de inteira responsabilidade do tradutor identificar as disparidades e buscar por uma solução adequada.

Deste modo, o tradutor opera como um “leitor privilegiado” que, segundo Hatim & Mason (1992, p. 224), diferentemente do leitor dos textos de partida e de chegada, tem a capacidade de captar as informações do texto de partida, interpretá-las e reproduzi-las na forma do texto de chegada. Sendo a experiência da leitura ímpar, inevitavelmente, um texto traduzido refletirá, em certa medida, a leitura do tradutor e isto é ainda outro fator que define o tradutor como leitor distante da esfera do ordinário: enquanto o leitor médio pode envolver suas crenças e valores no processo de leitura criativa, o tradutor deve ser mais cuidadoso. Nuances ideológicas, predisposições culturais entre outros aspectos contidos no texto de partida têm que ser transmitidos em sua integridade através da visão holística do tradutor.

Uma vez evidente o potencial que a tradução tem de formar identidades culturais e sua contribuição para sua reprodução e mudança social, somados ao papel do tradutor enquanto mediador intercultural, cabe observar o conceito de ética da tradução, discutido por Berman, quando diz que “o ato ético consiste em reconhecer e receber o Outro enquanto Outro”. Evitando-se assim uma atitude “etnocêntrica”, ou seja, aquela que “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou no máximo bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura”; e “hipertextual”, que “remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de outro texto *já* [itálico do autor] existente”. Com vistas a respeitar o “*contrato* [itálico do autor] fundamental que une uma tradução ao seu original” pretende-se, nas palavras do autor, “levar às margens da língua para qual se traduz a obra estrangeira na sua pura estranheza” (BERMAN, 2007, pp. 29, 38-39).

À vista disso, ao propor uma versão do texto de Salih, considerou-se principalmente o papel que a obra teria no sistema literário de origem, bem como o discurso que norteia todo o enredo, de modo que a tradução para o português cuidou para que não houvesse apagamentos ou inserções, tampouco uma domesticação do texto, produzindo-se assim não uma tradução palavra-por-palavra, mas levando o leitor a experienciar o texto de partida em sua estranheza.

Em decorrência disso optou-se por traduzir provérbios ao invés de buscar equivalentes na língua de chegada e ainda em nota de rodapé, detalhar o contexto, como se vê no excerto a seguir:

{...} شنى يعرف متى يلاقي طبقه.
(SALIH, 1996, p.38)

Chunna logo percebe quando encontra *Tabaqa*. (SALIH, 2018, p. 35)

Nota: Jogo de palavras elaborado com base num provérbio árabe antigo: “Chunna é apropriado para Tabaqa”. Diz-se quando duas pessoas que têm afinidade se encontram. O provérbio teve origem na história de um sábio chamado Chunna, que passou a vida à procura de uma mulher sábia para se casar. Após muita procura, encontra Tabaqa, filha sábia de um homem ignorante. (n.t.)

É importante notar que o provérbio poderia ter sido substituído sem qualquer perda de sentido por seu equivalente em língua portuguesa “toda panela tem sua tampa” e, de certo modo, não haveria um prejuízo da ideia veiculada, porém perder-se-ia a beleza da cultura e pensamento árabes vinculada ao dito.

Ainda com vistas a trazer elementos da tradição da alteridade para o leitor do texto de chegada optou-se pela manutenção de termos diretamente ligados à religião islâmica como as palavras *haji*, termo utilizado para todo muçulmano que realizou a peregrinação à Meca, e *masbaha*, objeto que se assemelha ao rosário utilizado na tradição islâmica, presentes no trecho que segue:

"عليّ اليمين يا حاج احمد، لو ذقت نساء الحبش وفلانة كنت رميت مسبحتك".
(SALIH, 1996, p. 84)

“Juro, Hajj Ahmad, se experimentasse as mulheres etíopes e nigerianas, largaria a *masbaha* e as orações na hora”. (SALIH, 2018, p. 75)

Ao inserir vocábulos da língua inglesa no texto de partida, Salih nos revela sua intenção de preservar traços do colonizador na sua obra. De maneira a reproduzir a proposta do autor, todas as palavras do inglês foram mantidas como no original. Sendo assim, pronomes de tratamento como *Mr.* e *Mrs.*, utilizado com recorrência, assim como a palavra *Nile* foram preservados tal qual no original. É interessante notar que, apesar da ocorrência da palavra *Professor* em língua inglesa, não foi possível a manutenção do estrangeirismo nessa passagem dado que a grafia na língua portuguesa é exatamente a mesma.

وصلت القاهرة، فوجدت مستر روبنسن وزوجته في انتظاري، فقد أخبرهما مستر ستكول بقدمي
(SALIH, 1996, p. 29)

“Cheguei ao Cairo. Encontrei Mr. Robinson e sua esposa me esperando, pois Mr. Stockwell os havia informado da minha chegada”. (SALIH, 2018, p. 29)

لمعت عيناها، وصاحت في نشوة:

«نايل؟!»

«نعم النيل»

(SALIH, 1996, p. 42)

(...) seus olhos brilharam, e ela gritou, excitada:

“Nile!”

“Sim, o Nilo”. (SALIH, 2018, p. 33)

لكن برفسور فستر كين حوّل المحاكمة إلى صراع بين عالمين، كنت أنا إحدى ضحاياه.

(SALIH, 1996, p. 37)

Mas o professor Foster-Keen transformou o julgamento numa luta entre dois mundos, e eu era uma de suas vítimas. (SALIH, 2018, p. 33)

Buscando sempre ser fiel ao “contrato” estabelecido entre o texto original, sua função primordial, e o texto de chegada, nos trechos em que há questões sensíveis à cultura ou à tradição primou-se sempre pela versão mais próxima ao árabe possível. É importante mencionar que, justamente por Tayeb Salih lidar tão abertamente com tabus da sociedade arabo-islâmica, seu texto foi por muito tempo proibido em diversos países árabes. Um exemplo interessante é a menção à circuncisão feminina, um problema ainda bastante debatido nas comunidades islâmicas da atualidade.

وقال جدي: "ود الرئيس يحب النسوان الغير مطهرات".

وقال ود الرئيس: "عليّ اليمين يا حاج احمد، لو ذقت نساء الحبش وفلانة كنت رميت مسبحتك وتركت صلاتك ما بين افخاذهن كأنه الصحن المكفى، صاغ سليم، بكامل خيره وشره. عندنا هنا يقطعونه ويتركونه مثل الأرض الخلاء".

وقال بكرى: "الختانة من شروط الإسلام". فقال ود الرئيس: "أي اسلام هذا؟ (...)"

(SALIH, 1996, p.90)

“Wad-Irrayis gosta das mulheres não circuncidadas”, comentou meu avô.

“Juro, Hajj Ahmad, se experimentasse as mulheres etíopes e nigerianas, largaria a *masbaha* e as orações na hora. O que elas têm entre as pernas é um prato cheio, intato, com todo o seu bem e seu mal. Aqui, cortam-no e deixam-no como uma terra devastada.”

“A circuncisão é uma das normas do islã”, disse Bakri.

“Que islã é esse?”, perguntou Wad-Irrayis. (SALIH, 2018, p.81)

Para além de questionar algumas tradições da sociedade muçulmana, Salih faz duras críticas ao regime colonialista e aos sudaneses que se aliaram aos colonizadores e foram recompensados com postos de trabalhos de alto nível desde o domínio inglês.

ويتذمر الناس منا ويشكون إلى المفتش الانكليزي. وكان المفتش الانكليزي طبعاً هو الذي يغفر ويرحم. هكذا غرسوا في قلوب الناس بغضنا، نحن أبناء البلد، وحبهم هم المستعمرون الدخلاء. وتأكد من كلامي هذا يا بني. ألم تستقل البلد الآن؟ ألم نصبح أحراراً في بلادنا؟ تأكد انهم احتضنوا أرذال الناس. أرذال الناس هم الذين تبوأوا المراكز الضخمة ايام الانكليز.

(SALIH, 1996, p. 63)

As pessoas queixavam-se de nós ao encarregado inglês e, naturalmente, era ele quem se apiedava e perdoava as dívidas delas, e foi assim que eles conseguiram semear nos corações o ódio por nós, nós, filhos desta terra, e o amor por eles, os colonizadores, os intrusos. Guarde minhas palavras, meu filho: não conquistou este país a independência? Não somos livres em nossa terra? Mas tenha certeza de que eles ainda nos governam, porque eles nomearam sua corja, aquelas pessoas que ocuparam os postos mais altos durante o domínio inglês. (SALIH, 2018, p.53)

Como observado nos trechos elencados acima, não obstante haja no texto algumas questões da tradução que pairam no nível da palavra, a obra de Salih por nós aqui discutida, dada sua natureza, demanda uma atenção maior do tradutor no nível do discurso, visto que está sempre refletindo sobre matérias de grande engajamento político e social. Isto exige do tradutor maior comprometimento ético para com a leitura e interpretação do texto a fim de que seja cumprida a função pretendida no texto original, sem que se percam o lirismo e a beleza.

Considerações Finais

Tal novela, embora publicada há mais de cinquenta anos, ainda instiga diferentes leituras e análises, em especial por seu papel enquanto literatura ideológica e o status que tem no sistema de literatura árabe, mas também por sua estrutura textual que

organiza-se como poema dramático construído por meio de uma colagem fragmentária e de transposições de imagens e símbolos, sempre em linguagem delicada, elegante, rica e sensual. Felizmente, esta tradução garantiu grande parte do lirismo que flutua sobre o texto original árabe. (JUBRAN, 2018, p.170)

Tayeb Salih costumava afirmar que sua intenção era apenas escrever sobre a aldeia sudanesa, entretanto, seu texto ultrapassou não só fronteiras geográficas como também temporais, ao tocar questões que ainda perduram, não só no seu país, mas praticamente em toda a região do Oriente Médio.

Depois do processo de descolonização no nível geográfico, as ex-colônias passaram por regimes de governo autoritários que ao invés de fortalecerem e reestruturarem o tecido social trouxeram mais mazelas à população que em sua maioria vivia em condições precárias, com seus direitos suprimidos e sob contínua opressão. Diante desse contexto, o Ocidente passou a apontar as benesses que seu regime colonial trouxe a essas comunidades; haja vista que, ao levar modernização, educação, governo e sistema de justiça, declarou-as incapazes de se autogerirem. Existia uma noção de dívida dos colonos com relação aos colonizadores por todo progresso e desenvolvimento que estes propiciaram para esses povos não-civilizados.

Assim como muito bem representado pelo autor em sua obra, os nativos vitoriosos descobriram, logo após a saída do colonizador, que precisavam do Ocidente, e que a independência por completo era uma utopia ufanista que favorecia, principalmente, a “burguesia nacionalista” que governava o país por meio da tirania espoliadora e empedernida que em muito lembrava os senhores brancos que tinham partido (SAID, 2011, p. 42).

Como direi a Mahjub que esse mesmo orador [um ministro] foge da África nos meses de verão para se refugiar em sua vila no lago Locarno e que sua mulher faz compras na Harrods, em Londres, que são trazidas por um avião particular; que membros da própria comitiva declaram que ele é corrupto e aceita suborno, que havia contraído grandes somas de dinheiro e feito grandes negociatas, especulado e acumulado grande fortuna que vem do suor que brota das testas dos pobres seminus que andam na selva? (SALIH, 2018, pp. 120-121)

Salih, enquanto escritor vanguardista, parece prever e retratar fielmente a atual situação do Sudão que, depois de décadas sob o regime ditatorial de Al-Bashir, depõe o presidente e, afundado na pobreza e sem condições de suprir suas necessidades básicas, descobre na casa do líder altas somas em moedas locais e europeias. Tal situação levou à comoção a população que, revoltada, vai às ruas e exige um governo que seja legítimo, justo e atenda às suas demandas.

De todo modo, as contínuas releituras da obra têm possibilitado reflexões que problematizam o hodierno tema da imigração e todas as consequências advindas da movimentação dos povos pelo mundo, não apenas para aqueles que forçados pelas adversas condições de vida decidem que é “tempo de migrar”, como também para aqueles que vivem nos países do “Norte”. Como bem observado por Jubran (2018, p. 171), este conflito contemporâneo inquieta a Europa pós-colonial, que sente a necessidade de impor em territórios nacionais seus valores e cultura a todos, a despeito da presença da alteridade, reclamando seu direito de preservar sua identidade. Todavia, a voz de Mustafa

Said continua ecoando, ainda que meio século depois, que os efeitos são inexoráveis: “Trouxeram-nos o maior germe da violência europeia que o mundo nunca testemunhou igual”. O “germe de um mal mortal” ao qual, como milhões de outros, não se é imune. “O germe contagioso que penetra no corpo do universo”.

Referências Bibliográficas

- AL-MAHROOQI, R.; DENMAN, C. “Arab identity and literature in translation: The politics of selection and representation”. *Arab World English Journal (AWEJ)*, Special Issue on Translation, n. 5, pp. 5-20, May 2016.
- AL-MUSAWI, M.J. *The postcolonial Arabic novel: debating ambivalence*. Leiden: Brill, 2003.
- BERMAN, A. *A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- CONRAD, J. *O coração das trevas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- EL-ENANY, R. *Arab representation of the Occident*. East-West Encounters in Arabic Fiction. London; New York: Routledge, 2006.
- HATIM, B. & MANSON, I. *Discourse and the translator*. New York: Longman Inc., 1992.
- HATOUM, M. “Entrevista”. In: SALIH, T. *Tempo de migrar para o norte*. Segunda edição, São Paulo: Planeta-TAG, 2018.
- JUBRAN, S. A. A-C. “Posfácio”. In: SALIH, T. *Tempo de migrar para o norte*. Segunda edição, São Paulo: Planeta-TAG, pp. 168-171, 2018.
- _____. “Tempo de Migrar para a liberdade: maio 2012”. *Revista literária em tradução*, Florianópolis, 1º volume, n. 14, 2017. Disponível em <https://www.dropbox.com/s/cwb7srm5m3i2gyr/n.t._Revista_Literaria_em_Traducao_n_14.pdf>. Acesso em 29/08/2019.
- SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SALIH, T. *Mawsim al-hijra ila Al-shimal*. Beirute: Dar Al-Awda, 1996.
- _____. *Tempo de migrar para o norte*. Primeira edição, São Paulo: Planeta, 2004.
- _____. *Tempo de migrar para o norte*. Tradução e Posfácio de Safa A. A-C. Jubran. Segunda edição, São Paulo: Planeta-TAG, 2018.
- SHAABAN, B. *Voices revealed*. Arab Women Novelists, 1898-2000. Colorado: Lynne Rienner Publishers, 2009.
- VAN LEEUWEN, R. “The cultural Context of Translating Arabic Literature”. In: FAIQ, S. (Ed.) *Cultural Encounters in Translation from Arabic*. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2004.

Recebido em: 08/05/2019 **Aceito em:** 26/05/2019

Referência eletrônica: ALVES, Jemima de Souza; JUBRAN, Safa A-C. No tempo de migrar. *Criação & Crítica*, n. 24, p., out. 2019. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.